

## **Conhecimentos e experiências da Geografia e sua Relação com a História Urbana**

### **Brasileira - Entrevista com Doralice Sátyro Maia**

**PET - Geografia**

Universidade Federal de Uberlândia

**Revista Observatorium (R.O):** Quais são as principais referências entre os estudos geográficos realizados no Brasil e na Espanha, sabendo de sua experiência no pós-doutorado em Barcelona?

**Doralice Sátyro Maio (D.M):** Bom, eu posso começar dizendo que a primeira impressão que tive na Espanha, diferença muito rígida entre a geografia humana e a geografia física, algo que acontece também aqui em algumas instituições, como na Universidade de São Paulo onde temos dois departamentos. Na Universidade de Barcelona também são dois departamentos e na época em que funcionava em um edifício vertical, cada departamento funcionava em um andar, havendo pouco diálogo entre eles.

Outra constatação e que me causou surpresa foi a estrutura das teses. Lá observei uma tradição de estrutura de tese muito semelhante às primeiras teses do Brasil, ou seja, aquele formato muito semelhante a relatório. Assim, são teses volumosas, mas muito descritivas.

Por outro lado, a minha experiência com o professor Capel, com quem fiz meu pós-doutorado, foi muito rica. O professor contribuiu de forma ímpar para o meu trabalho, pois ele tem um conhecimento muito amplo, em várias áreas do conhecimento e uma grande experiência em pesquisa em arquivos e bibliotecas. Além do vasto conhecimento, trata-se de um professor muito aberto e também sensível a ouvir a sua opinião, inclusive políticas, e mesmo metodológicas diferentes da dele. Então, mesmo tendo discordâncias políticas e em alguns momentos metodológicas, tive muita liberdade de pesquisar, aprendi muito, principalmente na descoberta dos arquivos. Destaco ainda a riqueza das bibliotecas com muitas obras escritas em outras línguas e que foram traduzidas para o espanhol.

Na minha avaliação, a comunicação nossa com autores da Espanha tem contribuído muito com o conhecimento geográfico e falo particularmente das áreas da Geografia Urbana. Capel escreveu um livro Morfologia Urbana e Capitalismo que hoje está disponibilizado na internet. Esta é uma característica do professor Capel, este perfil: se a obra está esgotada, então disponibiliza na internet permitindo o livre acesso, como ele mesmo diz: “ eu não tenho mais problema com a editora”. Esta é uma qualidade e uma outra forma de contribuir com a

divulgação do conhecimento. Além da Geografia Urbana, há vários escritos sobre a história do pensamento geográfico, ensino de geografia, frutos da sua trajetória acadêmica.

Outro aprendizado, foi a compreensão, a análise, o entendimento sobre o processo de urbanização espanhol. As cidades brasileiras e as espanholas apresentam similaridade, mas muitas diferenças, inclusive no processo de criação. Uma das ricas experiências durante o pós-doutorado foram os trabalhos de campo em Barcelona guiados pelo professor Capel. Eu sempre valorizei e permaneço valorizando esta capacidade que ele tem de percorrer as cidades, aprende-se muito. Intercala-se o olhar geográfico com o arquitetônico, o antropológico, atentando-se ao desenho arquitetônico, à linha arquitetônica, à história política, cultural e material, o que muito enriquece a compreensão da cidade, particularmente da morfologia urbana.

**R.O:** Conte-nos um pouco de sua experiência como pesquisadora da rede ReCiMe.

**D.M:** A ReCiMe na verdade é uma construção coletiva, que surgiu em um Simpósio de Geografia Urbana em Salvador quando havia uma preocupação de alguns – na época eu ainda não tinha doutorado- pela predominância nos eventos de geografia urbana e na produção acadêmica com a metrópole e pouco se falava das realidades não metropolitanas. No momento eu estava fazendo tese em João Pessoa; Beatriz tinha acabado de fazer a tese sobre Uberlândia e Carminha sobre Presidente Prudente. Ao conversarmos, nos perguntamos se as teorias que são construídas para as metrópoles elas seriam suficientes e/ou adequadas para outras realidades, ou se não seria o fato de começarmos a construir algo com base nessas outras realidades.

A partir disso foi surgindo a ideia de construir um diálogo entre os pesquisadores que tinham como objeto as cidades não metropolitanas. Foi muito lento a construção, até que no simpósio seguinte, conseguimos ampliar por mais um dia só para discutirmos as cidades médias, o que ocorreu em Presidente Prudente. Isso já foi um avanço, desta reunião surgiu um documento e eu avalio que a concretização se deu de fato quando se conseguiu aprovar o projeto Casadinho no CNPq e o Procad na Capes. Na primeira versão a Universidade Estadual do Ceará assumiu a coordenação com as professoras Denise Elias (UECE) e Maria Encarnação Sposito (UNESP) e a participação todos os outros pesquisadores. Nesta etapa, no projeto do Casadinho – CNPq nós da UFPB e vocês da UFU constituímos a equipe de pesquisadores

colaboradores do projeto. Já no PROCAD a UNESP era a coordenadora e a UFPB, a UECE e a UFU constituíram as equipes. No início enfrentamos algumas dificuldades, as diferenças teórico-metodológicas tiveram que convergir para a matriz metodológica da pesquisa, o que exigiu esforços de todos. Este foi o primeiro aprendizado, que talvez tenha sido muito difícil, mas foi muito importante, porque aprendemos a trabalhar coletivamente. Realizamos pesquisas em diferentes cidades e aprendemos respeitar o perfil, o caminho de cada um.

A segunda etapa – me refiro ao projeto do Edital Casadinho - foi sob a nossa coordenação junto com a UNESP. Este segundo momento transcorreu de forma mais tranquila na minha avaliação em função do aprendizado anterior, ou seja, dois anos já tinham passado, já tínhamos visto como funcionava e já estávamos caminhando para a publicação dos livros, deixando a parte pesada do levantamento de dados que de fato, foi uma coisa gigante.

Vejo que a ReCiMe me possibilitou, primeiro conhecer pessoas, pesquisadores que tinham similaridades com a minha pesquisa; depois propiciou a troca de informações; o trabalho de forma coletiva; isso até hoje tem sido muito bom. Quando realizamos as reuniões de trabalho (Workshops), saímos sempre com um saldo positivo, pois tem sido momentos muito ricos de troca de experiência, em que cada um fala o que está acontecendo, como está desenvolvendo a pesquisa, quais são as perspectivas, etc.. Assim, considero que a manutenção da ReCiMe se dá por essa vontade, pelo anseio em se trabalhar em rede, em se trabalhar em uma equipe, em trocar, em construir e divulgar o conhecimento.

Quando coordenei o projeto, havia pesquisadores do Amazonas e Pará ao Rio Grande do Sul, o que requer muito trabalho, pois temos não só de acompanharmos a pesquisa, mas viabilizar os encontros, os trabalhos de campo e outras atividades. Então, imagine o que é comprar passagem para todos os pesquisadores poderem participar de um workshop no Rio de Janeiro! Ao mesmo tempo é muito proveitoso, tem sido uma experiência ímpar e estamos construindo uma relação profissional e também pessoal bastante forte. Esta etapa se encerrou com o relatório já aprovado pelo CNPq e e agora estamos em outro momento, uma outra versão da pesquisa, cuja coordenação está sendo exercida pela UFGD, UFRJ e UNESP. Assim, voltamos a condição de colaboradores. Continua sendo uma experiência muito rica. Nesses dias estou lendo o texto elaborado pela equipe de Chapecó que era uma cidade que ingressou na segunda etapa do projeto, da mesma forma Ituiutaba. Outras cidades poderão constituir objeto de estudo da ReCiMe, a depender do interesse dos pesquisadores. Os resultados já

podem ser vistos nas publicações dos livros: Passo Fundo e Mossoró; Uberlândia e Tandil; Marília e Chillan. Estamos na expectativa da publicação do livro Campina Grande e Londrina.

**R.O:** O que você imagina como principal contribuição para o curso de Arquitetura e Urbanismo tendo em vista a sua formação como geógrafa?

**D.M:** Pensando bem, acredito que seja a concepção de espaço, ou melhor, da produção do espaço. Tenho orientado na pós-graduação e uma primeira dificuldade é o arcabouço teórico. As minhas orientandas normalmente possuem pouca leitura para a discussão teórica. Este é meu empenho inicial, o que considero uma grande contribuição e cujos resultados têm me deixado bastante feliz. Já peguei duas dissertações em andamento e consegui fazer com que as duas meninas se debruçassem numa literatura, claro que não só da geografia, mas que também começassem a fazer leituras dentro da Arquitetura, podendo fazer discussões com outras. Uma queria estudar a verticalização em um bairro, e outra estudou um conjunto habitacional recentemente construído, que na verdade são temáticas comuns às nossas.

Avalio também que por um lado tenho aprendido muito com os colegas e com as orientações na Arquitetura, a exemplo do olhar sobre a forma, o detalhe da forma, o desenho, pensando na morfologia urbana e por outro lado eu contribuo com a formação, com a análise, o questionamento, um outro olhar, portanto a contribuição se dá de ambos os lados.

Além disso, como tenho carência na Geografia (aqui falando da UFPB) de um diálogo sobre o urbano, é na arquitetura que eu dialogo, tem havido uma troca de experiência e de saberes que se dão na elaboração de projetos de pesquisa, nas bancas examinadoras e nas reuniões acadêmicas. Confesso que em algumas bancas tenho que me policiar para não ser tão crítica e respeitar a metodologia, pois ainda é comum trabalhos bastante sistêmicos, o que não é “bem visto” na geografia urbana. Mesmo assim procuro contribuir sem destruir o trabalho, acho que é assim que podemos de fato colaborar.

**R.O:** Como você avalia a importância da Geografia histórica urbana para a compreensão da evolução do planejamento urbano?

**D.M:** Vou falar muito mais da importância da Geografia histórica urbana para a Geografia urbana do que para o planejamento urbano em si, que seria algo mais específico e eu não

gostaria de entrar nesta temática, mesmo porque estou fazendo pós-doutorado no IPPUR é uma instituição que trabalha com planejamento urbano, mas a minha temática é na perspectiva da Geografia histórica urbana.

Eu vou falar como “caí” nessa. A minha tese foi sobre a cidade de João Pessoa, mais exatamente sobre os costumes rurais na cidade. Para tanto comecei a estudar a cidade, a sua história, o seu processo de urbanização e foi quando percebi que havia uma historiografia muito descritiva e com pouca pesquisa de arquivos, de fontes, etc..

Bem, fiz a tese, que foi focada nesse assunto e quando acabei resolvi começar a estudar, a pesquisar as ruas da cidade, as do Centro Histórico. Fiz levantamentos de uso de solo, apliquei questionário, mas comecei a ficar cada vez mais curiosa para saber como estas ruas surgiram, a sua formação, enfim, a produção daquele espaço. Foi assim que iniciei meu trabalho nos arquivos da cidade e para mim foi sendo apresentado um mundo completamente desconhecido, o que me fez querer continuar cada vez mais.

**R.O:** Mas querendo conhecer a cidade como um todo ou você fez recortes em bairros?

**D.M:** Sim, fiz na cidade, nas pesquisas das ruas, dividindo em cidade alta e cidade baixa, pois João Pessoa tem as características da cidade colonial portuguesa, selecionei as principais ruas de uma porção e da outra até o século XIX. Enfim foi fazendo recortes espaciais e temporais. Elegi o século XIX pelo maior acúmulo de documentos e também pela grande transformação por qual passa a cidade. A pesquisa iniciou com a colaboração de bolsistas de iniciação científica, depois com alguns mestrandos e mais recentemente se amplia a partir do interesse de uma orientanda da Arquitetura que quer estudar uma avenida, a principal da cidade, que surgiu no século XX.

Com o prosseguimento da pesquisa sobre as cidades médias, começaram a surgir informações sobre Uberlândia, Passo Fundo, Londrina, São José do Rio Preto, então comecei a ver que estas cidades do interior do território brasileiro tinham algo em comum, incluindo a que nós estávamos estudando, Campina Grande. Todas elas tiveram a sua origem em função da atividade da pecuária e eram também entroncamento de caminhos para a comercialização através das tropas de burros. Assim, já que cada vez mais me interessava pela perspectiva histórica, resolvi pensar também nessas cidades por este mesmo enfoque. Por conseguinte, elegi algumas cidades, incluindo as que a ReCiMe estuda e outras que me pareceram ter

histórias similares e também se classificarem como cidades médias e elaborei o projeto de pesquisa de pós-doutorado que trata do impacto da ferrovia nessas cidades no final do XIX e início do XX. As cidades eleitas, todas elas, além de serem bocas de sertão, receberam a ferrovia mais ou menos no mesmo período.

Então, eu entendo que a Geografia Histórica Urbana é fundamental se quisermos entender o processo de urbanização brasileira. A contribuição que o professor Maurício de Abreu deu para a cidade do Rio de Janeiro é ímpar. E esta contribuição não desfaz ou desmerece a história ou a história urbana. Quando estamos trabalhando na perspectiva da geografia histórica urbana associamos os acontecimentos históricos a uma espacialidade física, ou melhor, a uma dimensão espacial. A construção deste trabalho foi bem expressa pelo próprio Maurício de Abreu, quando escreveu que é como ir montando um “quebra cabeça”. E é isso mesmo, é tentando encaixar peça por peça, ou seja, uma informação aqui, outra ali, um documento, uma fotografia, uma iconografia, uma notícia de jornal, que vamos construindo a nossa geografia histórica. As fontes podem ser documentos oficiais, cartas, manuscritos, mapas, iconografias, etc. Na maioria dos casos estas fontes estão dispersas, o que requer como primeiro trabalho reunir, recolher estas fontes. Eu considero um campo do saber superinteressante e não tem como negar o caráter interdisciplinar, já que você não dialoga só com a Geografia, você dialoga com a História, com a Arquitetura, com o Urbanismo, etc. Há um seminário interdisciplinar, onde predominam arquitetos e urbanistas, mas onde também frequentam geógrafos, economistas, sociólogos e historiadores, que vem sendo um evento que agrega os pesquisadores que se dedicam à história da cidade. Estou falando do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. O debate neste evento é bastante rico, o que instiga a pesquisa.

Entretanto, enquanto professora do Departamento de Geografia, consigo dedicar-me à Geografia Urbana, mas não consigo fazer somente trabalhos na perspectiva da Geografia Histórica, talvez pela dimensão da minha instituição e da dinâmica da cidade que requer a nossa atuação de forma muito constante. Além disso são poucos os que ingressam na pós-graduação que se interessam por este tipo de análise, as dinâmicas mais recentes atraem muito mais os geógrafos. Desta forma, venho orientando tanto na perspectiva da Geografia Histórica, como também no que diz respeito à produção do espaço urbano em perspectivas variadas.

**R.O:** Ainda sobre a Geografia histórica, como você avalia a pesquisa da Geografia nessa área?

**D.M:** Eu tenho percebido, um crescimento, mesmo que lento. Ainda são poucos os trabalhos nesta perspectiva. Isto é perceptível quando propomos o GT de Geografia da Anpege. Há trabalhos muito bons, mas poucos, e muitos submetem trabalhos que compõem normalmente a primeira parte da dissertação ou da tese, ou seja, de fato não são pesquisas no campo da Geografia Histórica. Recentemente (final de 2012) houve o I Seminário Nacional de Geografia Histórica junto com o III Seminário de História de Pensamento Geográfico. No Brasil foi uma primeira experiência e foi muito bom. Neste evento pudemos conhecer e discutir trabalhos na perspectiva da Geografia Histórica, não só a urbana, mas no seu sentido mais amplo. Sobre o pouco número de interessados pela Geografia Histórica, lembro sempre do que o professor Pedro de Vasconcelos comentou certa ocasião: que os pesquisadores da Geografia Histórica Urbana cabiam em um Fusca. De fato são poucos os que se interessam e que se dedicam à temática. A minha experiência na formação tem mostrado o quanto é difícil, pois se tenho três bolsistas de iniciação científica trabalhando na graduação, destes se um quer continuar, já é um grande êxito. E nem sempre os bolsistas dão certo, pois é preciso identificação, assim como em qualquer pesquisa. Mas o agravante no caso da Geografia Histórica é a ausência desta temática nos currículos da graduação. Por isto, sempre digo, se não gosta, melhor partir para outra. Quando o(a) aluno(a) se identifica e se interessa é muito gratificante.

**R.O:** Mas porque talvez não tenha esse interesse?

**D.M:** Pelo pouco estímulo, pela ausência de cursos desde a graduação, por ser preciso utilizar “instrumentos” mais próprios da atuação dos historiadores e como a Geografia tem se afastado bastante da História, a perspectiva da Geografia Histórica fica mais distante, alheia ao saber geográfico. Há ainda falta de conhecimento por parte de alguns professores e preconceito também. Meus orientandos reclamam que quando dizem o que estão fazendo nas aulas de metodologia, alguns professores dizem que “isto não é geografia, mas sim história”. Este tipo de comentário desestimula, constrange os alunos, eles se sentem diminuídos, como se o que pesquisam não tivesse valia para a Geografia. . De fato, não se tem no aprendizado

metodológico a experiência em se trabalhar com arquivos, em pegar um documento, a saber manusear, a eleger as diferentes fontes, etc. Mas não vejo isto como um problema, pois também utilizamos instrumentos e procedimentos mais usuais na Pedologia, na Geologia, o que compõe o saber fazer na transdisciplinaridade.

**R.O:** É talvez se tivesse uma disciplina para preparar o aluno e mostrar de fato o que é Geografia histórica.

**D.M:** Pelo menos uma disciplina na Graduação intitulada Geografia Histórica em que a temática fosse apresentada. Mas é difícil. Nos anos 1980 existia uma disciplina no currículo da Geografia intitulada Geohistória, mas era um faz de conta, isto na UFPB. Mais recentemente fui informada que foi criado um curso novo de Geografia na USP – São Carlos que tem como temática central a Geografia Histórica. Fiquei bem animada e feliz com a notícia.

**R.O:** Como um membro da comissão de avaliação da capes, qual sua análise sobre a atual conjuntura da pós-graduação da Geografia no Brasil e quais são seus maiores desafios?

**D.M:** Nestes anos participando da Comissão de Avaliação da Capes, verificamos o crescimento da pós-graduação na área da Geografia. Houve um aumento tanto do número de mestrados como de doutorados. Observa-se também um movimento de interiorização da pós-graduação, inclusive na Região Norte. Hoje são poucos os estados que não possuem nenhum programa, o que considero, se mantermos a qualidade algo positivo. Este movimento resulta de uma política anterior de fomentar a formação de doutores, o que fomenta a criação de pós-graduação. Entretanto, preocupo-me com certas questões. Ampliar é bom, mas não se pode perder a qualidade, então eu me preocupo principalmente com as teses. Inclusive recentemente, na UFPB antes de enviarmos a proposta para a criação do doutorado, relutamos, avaliamos. Pois não podemos perder a compreensão de que o doutorado não é só mais “uma perna” após o mestrado. Por exemplo, no mestrado o aluno estudou um bairro com determinado tema e no doutorado se propõe a estudar a cidade, só ampliando o recorte espacial. Para o doutorado há a necessidade de uma propositura teórica, ou seja, uma proposta de *Tesis*. Então, às vezes essa ampliação do número de programas não leva em consideração a

qualidade dos programas que também não se revela somente na produção dos docentes e discentes, do número de artigos produzidos por exemplo. Acredito que a área das Ciências Humanas vem insistindo e lutando para qualificar mais a avaliação e definir melhor os parâmetros considerando as particularidades das áreas. A inovação para este triênio, da avaliação sobre a produção adicional foi criada com o intuito de não avaliar somente a quantidade, mas a qualidade. Entretanto, esta qualidade é avaliada pelo Qualis Periódico e pela Avaliação dos Livros de cada área que também tem procurado melhorar. Enfim, considero um grande desafio, já que cada área tem suas particularidades, cada programa também apresenta condições diferentes, perfis diferentes e a consideração de todos estes itens é uma tarefa difícil. Certamente, estamos em um momento de quebrar com a “febre” de quanto mais produtos, maior a nota do programa. Acredito que a cada triênio a Comissão tem sempre a grande missão em tentar aperfeiçoar o sistema de avaliação.